



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

## ATELIÊ DE HISTÓRIAS: REFLEXÕES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O USO DE RECURSOS NUMA PERSPECTIVA LUDOPEDAGÓGICA

Eliziane Sousa Vasconcelos [1] /email: [lize.vasconcelos@aluno.uece.br](mailto:lize.vasconcelos@aluno.uece.br) /Universidade Estadual do Ceará

Camilly Costa Barbosa [2] / Universidade Estadual do Ceará

Thaís dos Santos Nascimento [3] /Universidade Estadual do Ceará

Ana Luisa Nunes Diógenes [4] /Universidade Estadual do Ceará

Eixo Temático: Processos de ensino e aprendizagem - com ênfase na inovação tecnológica, metodológica e práticas docentes

### Resumo

A contação de histórias é uma arte que encanta pessoas e consiste em uma prática cultural utilizada por muitos professores. Ela promove o desenvolvimento da imaginação, da capacidade de ouvir o outro, estimula a oralidade e o potencial crítico, dentre outros. Defendemos que, para dar vida aos personagens e cenas das narrativas, o professor tem a voz como principal recurso, com suas modulações acionadas a partir do que o texto literário propõe. Além dela, há também diversos recursos lúdicos, objetos concretos assemelhados ao brinquedo, que funcionam como uma ponte entre o imaginário e o real. Este trabalho objetiva relatar as experiências narrativas desenvolvidas nos Ateliês de histórias e expor os diversos recursos lúdicos produzidos e utilizados pelos bolsistas do projeto de extensão Palavra Encantada, da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI) entre os anos 2017 e 2018. A metodologia caracteriza-se como um relato crítico-reflexivo sobre o Ateliê e o uso dos recursos. Observou-se o potencial formativo da atividade, ressaltou-se a importância do recurso para favorecer uma relação de cumplicidade entre narradores e ouvintes, provocando-lhes a interação entre realidade e imaginação.

Palavras-chave: Ateliê de histórias, Recursos lúdicos, Contação de histórias.



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura é arte da palavra e sua presença é essencial na vida humana, “[...] pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo [...]” (CANDIDO, 2011, p.188), constituindo-se, segundo o autor, como um direito humano. Pereira (2017, p. 938) ratifica a essencialidade da literatura durante a infância, ao afirmar que “a literatura infantil leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma participativa e prazerosa, além de ser fundamental para o desenvolvimento social da criança”. Uma das maneiras de se apresentar a literatura ao público infantil é a partir da contação de histórias. Neste sentido, identificamos a contação de histórias como prática social de grande relevância e que precisa ser oportunizada desde os primeiros anos de vida, seja no âmbito familiar ou escolar.

Entretanto, no mundo contemporâneo, presenciamos um contexto pouco favorável à prática de contação de histórias. Os membros dos núcleos familiares estão mais distantes e os pais, após a correria diária, parecem possuir pouco ânimo para contar histórias para seus filhos (BUSATTO, 2012). Além disso, os filhos, nos momentos em que não estão na escola, tem o hábito de passar horas em frente à tv ou envolvidos com jogos eletrônicos que, apesar de terem muito a contribuir, quando em excesso, acabam por atrapalhar o desenvolvimento do imaginário, pois geralmente, constituem-se apenas de imagens prontas e reprodutoras, onde ao destinatário pouco é dado espaço para a criação (SISTO, 2015). As crianças vão à escola, sendo que a esta fica destinada atualmente muitas responsabilidades que antes eram da família, como a própria prática de inserção na leitura. Por outro lado, para cumprir essa função, a escola pode optar pela contação de histórias como estratégia pedagógica de estímulo à leitura.

Ao contar história, o narrador desperta nos ouvintes a imaginação, pois ele cria imagens no ar, materializando o verbo e transformando-o em matéria fluida que é a palavra. (BUSATTO, 2012). Para estimular a imaginação, o contador pode utilizar recursos como objetos/brinquedos, a voz e o corpo, porém quando esse uso é exacerbado acaba inibindo o ato criador. Busatto (2012) defende o uso maleável desses recursos, sugerindo conteúdos e formas que permitam criar imagens, “o importante é que o uso dos objetos não esclareça tudo, mas sim que a imaginação se encarregue de modificar as formas.” (p. 78).

Sobre a relação entre escola e formação literária das crianças, a Base Nacional Comum Curricular cita:



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários[...]” (BRASIL, 2018, p.40).

Apesar de haver aparente consenso quanto ao papel da literatura no desenvolvimento das crianças, vários professores sentem dificuldades nos momentos de contar ou ler histórias, pois muitos não tiveram em suas experiências pessoais e profissionais a oportunidade de desenvolver o seu potencial narrador. Compreendemos que o professor, ao assumir o papel de contador de histórias, brinca com o poder de encantamento das palavras e dá vida ao conto através de sua voz e gestos. Segundo Sisto (2015), o contador deve possibilitar aos ouvintes estabelecerem laços com a história narrada por meio das pausas, silêncios, ações, gestos e expressões, sem ser um mero repetidor de um texto. Assim, contar histórias é uma arte que exige de quem conta técnica, emoção, mas principalmente, deve se encantar primeiro com a história, para depois encantar aos ouvintes. Para Busatto (2012), é preciso ocorrer uma identificação entre o conto e o narrador, e que antes de sensibilizar o ouvinte o conto deve sensibilizar o contador.

De acordo com Mamede (2006), lacunas na formação cultural de professores favorecem a existência de práticas monótonas e desinteressantes, que configuram triste cenário, alterado apenas por práticas inovadoras isoladas. A pesquisadora propõe o desafio de encontrarmos canais de atuação que reconfigurem a escola pública e situa a literatura infantil como elemento indispensável na oferta de uma educação de qualidade às crianças, direito de todas elas.

Desse modo, vemos como essencial, sobretudo nos centros universitários, propiciar aos professores em formação oportunidades de contato com momentos literários, refletindo não apenas sobre o ler e contar, mas também sobre como ler e contar histórias, destacando-se com isso o papel e uso dos recursos na contação de histórias com crianças. Defendemos que, para dar vida aos personagens e cenas das narrativas o professor, além de modular a voz e refinar seus gestos, pode utilizar diversos recursos lúdicos, objetos concretos assemelhados ao brinquedo. Diante desses aspectos temos como objetivo relatar as experiências narrativas desenvolvidas nos Ateliês de histórias e expor os diversos recursos lúdicos produzidos e utilizados pelos bolsistas do projeto de extensão Palavra Encantada, da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI) entre os anos 2017 e 2018.

## **SOBRE O CONTEXTO E AS INTENÇÕES**



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

A Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI) é uma unidade da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e agrega os cursos de licenciatura em Ciências Sociais, Ciências Biológicas, Química e Pedagogia. O Grupo Palavra Encantada (GPE) é um projeto de extensão da FACEDI e funciona desde 2008. Suas ações voltam-se para estudantes do curso de Pedagogia, educadores infantis e professores das séries iniciais da rede pública de Itapipoca e circunvizinhanças com a finalidade de formar *professores suficientemente narradores*. Isto é, formar docentes que, ao contarem histórias, envolvam a criança em uma teia narrativa de modo a oportunizar a construção de uma linha de sentido entre sua vida e a literatura infantil, provocando sua imersão no universo literário, bem como oferecendo formas diversas de ver e viver o mundo e, particularmente, desenvolver o gosto pela leitura (DIÓGENES, 2008)

O GPE segue o raciocínio de Coelho (2000) ao destacar que a evolução de um povo se faz ao nível da consciência de mundo e o caminho para chegar a isso é a palavra. Neste âmbito, a literatura infantil tem papel fundamental ao fazer-se agente de formação da consciência de crianças. Nesta empreitada, a autora atribui ao livro, à palavra escrita, a maior responsabilidade. Para apoiar o trabalho de mediação entre as crianças e a literatura, além das autoras citadas, encontramos Coelho (2001), Busatto (2012) e Saraiva (2006), por também confiarem no poder que a arte literária, levada através da contação de histórias, imprime em seus ouvintes, seja na função de alimentar a leitura, o gosto e a prática de ler, seja por favorecer seu repertório cultural e impactar em sua existência.

Os educadores, ao compreenderem a importância dessa atividade para a formação da criança, tendem a reconhecer a importância de ampliar seus modos de tornar a narração de histórias mais agradáveis e produtivas. Neste sentido, o Grupo Palavra Encantada faz uso da contação de histórias como estratégia de aproximação de professores e crianças com a leitura literária, uma experiência marcada pelo ludismo e prazer estético (CADEMARTORI, 2010).

## METODOLOGIA

Dentre as ações desenvolvidas pelo GPE, um dos destaques das práticas de fomento à leitura literária, temos os ateliês de histórias. Eles ocorreram durante a Semana da Pedagogia no ano de 2017 e Semana da FACEDI em 2017, Dia do livro infantil em 2018, assim como durante o Seminário de Introdução à Universidade e ao Curso, com o objetivo de compartilhar práticas narrativas com docentes, professores em formação inicial e também com crianças.



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

O ateliê consiste em um evento com apresentações simultâneas de contação de histórias, onde são organizados ambientes denominados “ilhas narrativas”. As ilhas narrativas são ambientes estruturados especificamente com o propósito de acolher ouvintes em sessões de leitura literária ou de contação de histórias. Como um dos objetivos do grupo é a formação leitora, entendemos ser importante a presença do livro de literatura e do seu livre manuseio após as narrativas. Do mesmo modo, ressaltamos a presença dos recursos lúdicos e a garantia de acesso ao público.

Neste artigo procuraremos destacar a experiência da terceira edição do evento, ocorrida durante a I Semana de Pedagogia da FACEDI no mês de maio em 2017. A escolha se deu devido ter sido o primeiro em que nós como bolsistas participamos e também por ter recebido um público variado, deixando-o mais rico. Vale ressaltar que este ateliê teve como público-alvo os adultos, quer estudantes de Pedagogia, quer professores das series iniciais. Entretanto, acreditamos que motivados por experiências anteriores realizadas pelo GPE, o evento contou com a presença de crianças, estudantes e professores de outros cursos da FACEDI.

Após decidirmos acatar o convite de participação, discutimos o objetivo do ateliê e rememoramos as versões anteriores. Em seguida, realizamos diversos estudos para a seleção das histórias a serem contadas. “É preciso fazer um estudo de cada conto a ser narrado mantendo um olhar atento aos detalhes[...]” (BUSATTO, 2012, p. 61). Neste momento, costuma-se preservar o interesse de cada uma das narradoras, assegurados pela qualidade estética das histórias, “[...] devemos considerar como ponto de partida um texto que não simplifique a história e que apresente reconhecidas qualidades literárias.” (BUSATTO, 2012, p. 53) e adequação ao público infantil. Coelho (2001) afirma que para cada faixa etária há um determinado tipo de história, por exemplo a fase pré-mágica que vai até os três anos, as narrativas devem ser simples, com ritmos e repetições, contendo algo próximo ao seu cotidiano. Já na fase mágica que vai dos três aos seis anos de idade as crianças gostam de histórias que encantam, por isso eles solicitam ouvir a mesma história várias vezes.

Em seguida, partimos para a produção ou reestruturação dos recursos lúdicos para utilização no evento e mostra. Coelho (2001, p. 31) afirma que “estudar uma história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la.” Os recursos expostos nos ateliês foram produzidos pelas cinco bolsistas e coordenadora do projeto utilizando diferentes materiais, desde produtos industriais, como E.V.A, lã, fitas, cartolinas, até materiais reutilizados, como caixas de papelão, garrafas pet, entre outros. Um pedaço de papelão e alguns retalhos de E.V.A transformaram-se em uma galinha, pequenas pedras e chumaços de algodão viraram ovelhinhas e uma caixa de sapato passou a ser um baú de tesouros. Um grande sapo com sua bocarra foi criado a partir de uma caixa



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

de latas de óleo. Uma cabaça pintada se tornou uma linda menina com laço de fita na cabeça. Meias velhas viraram coelhos e bolas de boliche. Todos estes recursos podem ser confeccionados facilmente por professores e alunos, estimulando a criatividade, tanto no momento de sua produção quanto de sua utilização durante a contação.

Em nosso entendimento, os recursos lúdicos são objetos, materiais estruturados ou não, que funcionam como brinquedo. Esses recursos são utilizados durante a contação com o objetivo de estreitar, de modo concreto, a relação entre a história e o ouvinte. Eles auxiliam o narrador e fazem ponte entre a história e o imaginário do ouvinte. Friedmann (1996) define o lúdico como aquilo que tem caráter de brincadeira, brinquedos e jogos que tem função de divertir. O narrador utiliza, portanto, um recurso com esse objetivo, tornando-o lúdico. “O professor pode contar com uma gama de recursos lúdico-pedagógicos em sua atuação como contador de história, como por exemplo: [...], fantoches, dedoche, palitoche, flanelógrafo, avental [...]. (FARIA et al, 2017, p. 38)

Para cada história utilizamos um recurso específico e expomos outros que poderiam ser usados com a mesma história, assim como, para cada recurso foram selecionadas diferentes histórias que poderiam ser contadas com o seu auxílio.

Durante o III Ateliê de histórias foram formadas cinco ilhas narrativas que ocupavam os quatro cantos e o centro do auditório da FACEDI, após a reorganização de suas cadeiras. Cada ilha era delimitada por um tapete de TNT, denominado tapete mágico, onde havia recursos, livros de literatura infantil e uma bolsista contadora de histórias responsável por determinada narrativa.

No centro do auditório podia-se avistar um grande tapete colorido que chamava a atenção dos participantes. Para chegar até ele, os convidados tinham que cruzar uma cortina feita com tiras de TNT azul na entrada e percorrer um caminho coberto por E.V.A. picado de cores diversas. Além das ilhas narrativas havia uma pequena exposição de livros de literatura infantil que fazem parte do acervo do grupo, constituído por livros de gêneros variados, como poesia, contos de fadas, contos clássicos e contemporâneos, cordéis, entre outros. Esses, além dos que compunham o espaço das ilhas, puderam ser manipulados pelos visitantes. Eram publicações para diferentes períodos de vida da criança, desde aquelas direcionadas aos bebês até o público infanto-juvenil. Entre eles havia livros de imagens, livros *pop up*, com abas, de plástico ou tecido, por exemplo.

Na ocasião, os participantes foram convidados a sentarem em semicírculo em cada tapete e partilharem a experiência narrativa. Esta incluiu uma etapa de expressão oral de suas impressões sobre a história e a contação, além da exploração dos recursos e livros cujas temáticas ou personagens estavam associadas à história contada. Para Busatto (2012) essa é uma boa forma para se contar e



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

ouvir histórias, pois é um espaço aconchegante, livre de objetos limitadores, onde os ouvintes formam um semicírculo enquanto o contador completa o círculo com seus movimentos. Dessa forma o contador fica mais próximo do ouvinte, pois “contar história pressupõe este envolvimento com o ouvinte, este calor transmitido com as palavras reveladas que só acontece quando estamos próximos um do outro.” (BUSATTO, 2012, p. 72)

Um outro espaço foi preparado especialmente para a leitura silenciosa. Para Mantovan (2015, p. 18834) “[...] não basta haver simplesmente um local determinado para a leitura, este precisa ser pensado, preparado e colocado de forma estratégica e estimulante para que os alunos tenham vontade de ler, se sintam acolhidos e motivados a permanecer naquele ambiente.” Assim, para que este ambiente se tornasse estimulante utilizamos um grande tapete ornamentado com almofadas e livros para que os ouvintes pudessem experimentar uma atmosfera aconchegante.

Um outro local foi organizado especificamente para fotos. Nele agrupamos uma caixa e um cabide com roupas, fantasias e adereços que são utilizados pelas contadoras durante suas apresentações, uma cadeira e um espelho. O público podia experimentar as peças, brincar e fotografar. Esse local foi bastante explorado, pois as pessoas puderam se fantasiar como personagens de histórias e, assim, se sentirem parte delas.

Em uma das ilhas foi narrada a história "Um amor de Confusão", de Dulce Rangel, cujo personagem principal é uma galinha. Então, foi produzida uma galinha feita com papelão e retalhos de E.V.A., que pode ser usada para outras narrativas, como A galinha ruiva, A cesta da dona Maricota, A galinha fofqueira, A galinha que criava um ratinho, entre tantas. Nesta ilha apresentamos estes livros e uma versão um pouco menor da galinha para os ouvintes manusearem. Além das galinhas, foram feitos de papelão os demais personagens da história contada e também ovos de vários tamanhos e cores.

Numa outra ilha foi contada a história “Um tanto Perdida”, de Chris Haughton, que narra a busca de um filhote de coruja que se perde da mãe. Estes dois personagens foram representados por palitoches produzidos com E.V.A. e *hashi*. Nesta ilha foram expostos livros destinados aos pequenos, tais como O que tem dentro da sua fralda, O artista e Se você vir um tigre, além dos chamados livros de banho.

Próximo à primeira ilha estavam os mamulengos, personagens de uma narrativa cantada, de mesmo nome, que o grupo teve acesso através da interpretação de Bia Bedran. O casal de mamulengos foi representado por dois fantoches de vara confeccionados com colheres de pau, onde foram desenhados olhos, nariz e boca em sua parte côncava, dando-lhes vida e graça. A cabeleira,



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

feita de lã, ornava o alto de suas cabeças, arrematada por um chapéu de papel sanfonado, no caso do homem. Para as vestimentas foram usados retalhos de tecido, botões velhos, tiras de pano e barbante. Nesta ilha, em particular, não apresentamos livros, mas havia um casal de mamulengos feitos com colheres de pau em tamanho menor, para facilitar o manuseio pelo público infantil.

Em outro recanto do auditório, em um pequeno tapete, estava o livro *Maria vai com as outras*, da escritora Sílvia Orthof, ilustrado por ela mesma. Esse livro conta a história da ovelha Maria que, habitualmente, faz o que as outras ovelhas do bando fazem, até o dia em que descobre que pode seguir seu próprio caminho. Para essa narrativa foram produzidas cerca de dez ovelhas a partir de pequenas pedras arredondadas de tamanho variado colhidas na praia. Sobre cada uma delas foram coladas bolinhas de algodão que imitavam a lã dos animais. Na ponta de cada pedrinha foram desenhados olhos e boca com pincel para CDs e, acima deles, foi colado um lacinho de lã colorida. Um outro livro exposto também nesse tapete foi *A ovelha negra*, um conto de Bernardo Aibe ilustrado por Mariana Massarani. Ao atentarmos para essa história incorporamos ao rebanho de pedras uma ovelha de cor preta.

Outra ilha trouxe o conto contemporâneo da literatura infantil brasileira *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque de Holanda, e contava com a exposição de diversos livros desse mesmo gênero, como: *A casa sonolenta*, *A Caixa de Jéssica*, *Felpo Filva*, *Quem tem medo de dizer não?*, dentre outros. Na ilha estavam presentes, ainda, palitoches dos personagens da história - o lobo, a menina, o bolo- e uma boneca. Buscamos deixar o público à vontade para manusear e interagir com os objetos da ilha. No centro do tapete mágico, a história foi contada utilizando-se um chapéu amarelo e um fantoche de lobo. O chapéu foi o recurso utilizado para dar voz à personagem principal da história e foi confeccionado com chapéu de palha, tintas amarelas e uma fita de TNT branca.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a experiência nos Ateliês de histórias pudemos ratificar o quanto práticas que fomentam a leitura literária são importantes, sobretudo em espaços de formação de professores. Notamos que os visitantes coproduziam as narrativas ao tempo em que influenciavam as decisões entre nós narradores no modo como contamos as histórias, alteradas a cada público itinerante, suscitando mudanças em suas entonações ou expressividade (MORAES, 2012).

Quanto ao manuseio dos recursos como elemento do ato de criação das narrativas e fruto do reconhecimento de suas potencialidades, foi flagrante como a coparticipação dos ouvintes ao



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

provocarem a expressão de emoções através do riso, brilho nos olhos ou ar indagativo dos interlocutores. Mesmo silenciosa, esta cumplicidade revelou-nos uma condição de jogo associada aos recursos. Ao entrarem no encadeamento da narrativa oral, estes provocavam os ouvintes a aceitarem, por exemplo, que pedaços de papelão coloridos fossem ovos de galinha, impondo inesperadamente a ativação de seu repertório cotidiano e ficcional, desrespeitando fronteiras entre a realidade e a imaginação.

Muitos visitantes, inclusive crianças, passaram um bom tempo lendo e conhecendo um pouco do acervo do projeto, aspecto considerado positivo por nós, revelando interesse, não apenas em ouvir as narrativas contadas pelas bolsistas, mas também debruçar-se em diversas histórias através da leitura.

Os ouvintes mostraram-se bastante envolvidos e curiosos em relação aos recursos utilizados pelo grupo indagando sobre sua confecção e materiais. Alguns puderam refletir sobre essas práticas e apontaram a possibilidade de levá-las para sala de aula como garantia do direito das crianças de usufruírem da literatura infantil através da leitura ou da contação de histórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, bolsistas extensionistas, vale ressaltar que o ato de contar histórias durante o III ateliê exerceu papel fundamental para pensarmos nossa formação como formadores de pequenos leitores. Acreditamos que, ao oportunizarmos aos ouvintes o contato direto com os livros e a escuta das narrativas de uma forma mais lúdica, mais prazerosa e intensa, nós aguçamos sua sensibilidade e os convocamos a tornarem-se amantes da literatura e, conseqüentemente, bons leitores. Ao mesmo tempo, estimulamos a formação inicial de *professores suficientemente narradores*, formando-nos. Distanciados da fogueira e das noites que aconchegavam ouvintes para se entrelaçarem às histórias, pudemos competir, em nosso tempo e espaço, com “as imagens prontas e as palavras frouxas que não acendem a imaginação” (SISTO, 2015, p.23) e, desta feita, cremos que saímos vencedores.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília – DF, 2018.  
Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 04 out. 2018.

BUSATTO, C. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. - 8 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CANDIDO, Antonio. "O direito à Literatura". In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.p.171-193.ARIA. I. G.; FLAVIANO, L. L.; GUIMARÃES, M. S. B.; FALEIRO, W. A. influência da contação de histórias na educação infantil. Mediação, Pires do Rio- GO, v. 12.

COELHO, Beth. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DIÓGENES, Ana Luisa Nunes. Projeto Grupo Palavra Encantada: leitura, contação de histórias e a formação de professores suficientemente narradores. UECE, 2008. (mimeo).

FARIA. I. G. Et all. **A influência da contação de histórias na educação infantil**. Mediação, Pires do Rio- GO, v. 12. n 1 p. 30-48, jan.- dez. 2017.

FRIEDMANN, A. Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

MAMEDE, Inês C. M. ; Miranda, A. E. ; TEBEROSKY, Ana ; QUEIROZ, M. C. ; BARRETO, M.S. ; RIBERA, N. ; Figueiredo, R.V. ; CRUZ, S.H.V. ; DELACOURS-LINS, S. ; LEITÃO, V.M. . Literatura infantil na escola pública: necessária e possível. In: Sylvie Delacours Lins e Silvia Helena Viera Cruz. (Org.). Linguagens, literatura e escola. 1ªed.Fortaleza: Editora UFC, 2006, v. 28, p. 1-231.

MANTOVAN. Jéssica Martins. Ampliando espaços de leitura na escola. In: XII Congresso Nacional de Educação, 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, PUCPR, 2015. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21240\\_8470.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21240_8470.pdf). Acesso em: 24 20 nov. 2018.

MORAES. Fabiano. **Contar histórias**: a arte de brincar com as palavras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PEREIRA, Keithy Rubia de Andrade; GOMES Edson José. Contação de histórias: Uma ferramenta no incentivo à leitura e à escrita. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2012**. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2012/2012\\_um\\_port\\_artigo\\_keithy\\_rubia\\_de\\_andrade.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_um_port_artigo_keithy_rubia_de_andrade.pdf). Acesso em: 03 out. 2018.



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

PEREIRA, Pâmela Cristina se Souza. Contação de história na educação infantil. Rev. **Eventos Pedagógicos**, v. 8 n. 2 (22, ed.), p. 935-950, 2017. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/3000/2142>. Acesso em: 06 out. 2018.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SARAIVA, Jussara Assman, MÜGGE Ernani e cols. **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2015.

